



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA: DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO EM PAUTA

INFORMATION, CULTURE AND MEMORY ENVIRONMENTS: SEXUAL AND GENDER DISSIDENCIES ON THE AGENDA

Simão Marcos Apocalypse – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
(Unesp) Campus de Marília

Maria José Vicentini Jorente – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
(Unesp) Campus de Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os ambientes de acesso, compartilhamento e preservação da informação, cultura e memória das sexualidades e dos gêneros dissidentes cumprem um papel social relevante na construção de narrativas alternativas à cisgeneridade e à heterossexualidade compulsórias. Esses espaços contribuem para a visibilidade de existências historicamente marginalizadas e postas como subalternas. Desse modo, o presente trabalho buscou responder qual o papel da Ciência da Informação na preservação e no compartilhamento da informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero? E como os ambientes de informação contribuem para o fortalecimento dessas temáticas e para a construção de uma sociedade mais igualitária? O objetivo geral foi explorar e sistematizar tais ambientes, bem como analisar sua importância para o acesso, compartilhamento e preservação. Como objetivos específicos, buscou-se: a) discutir a responsabilidade da Ciência da Informação para acesso, preservação e compartilhamento da informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero; b) realizar um mapeamento, em âmbito nacional, dos espaços que se dedicam ao acesso, ao compartilhamento e à preservação da informação, cultura e memória referentes a essa temática; c) refletir sobre a importância desses espaços para a identificação pessoal e coletiva de sujeitos que não correspondem à cisheteronormatividade. A metodologia utilizada foi de caráter teórico e exploratório-descritivo. Os resultados revelam que o cenário de atividades voltadas para a informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero no Brasil é diversificado. Os ambientes identificados abrangem uma gama de organizações e projetos, que incluem desde acervos digitais até museus físicos, galerias de exposição e atividades de curadoria de conteúdo. Essas iniciativas são essenciais para a documentação, a preservação, o acesso e o compartilhamento da informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero no país.

Palavras-chave: Informação, cultura e memória; Dissidências sexuais e de gênero; Ciência da Informação.

Abstract: Environments for accessing, sharing, and preserving information, culture, and memory of dissident sexualities and genders play a relevant social role in the construction of alternative narratives to compulsory cisgenderism and heterosexuality. These spaces contribute to the visibility of existences that have been historically marginalized and considered subordinate. Thus, this work sought to answer what is the role of Information Science in preserving and sharing information, culture, and memory of sexual and gender dissidences? And how do information environments contribute to strengthening these themes and building a more egalitarian society? The general objective was to explore and systematize such environments, as well as analyze their importance for access, sharing, and preservation. As specific objectives, we sought to: a) discuss the responsibility of Information Science for accessing, preserving, and sharing information, culture, and memory of sexual and gender dissidences; b) to map, at a national level, the spaces dedicated to access, sharing and preservation of information, culture and memory related to this topic; c) to reflect on the importance of these spaces for the personal and collective identification of subjects who do not correspond to cisheteronormativity. The methodology used was theoretical and exploratory-descriptive in nature. The results reveal that the scenario of activities focused on information, culture and memory of sexual and gender dissidences in Brazil is diverse. The environments identified cover a range of organizations and projects, ranging from digital collections to physical museums, exhibition galleries and content curation activities. These initiatives are essential for the documentation, preservation, access and sharing of information, culture and memory of sexual and gender dissidences in the country.

Keywords: Information, culture and memory; Sexual and gender dissent; Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Os ambientes de informação, cultura e memória não são meros depósitos de documentos, mas, sim, sítios de poder, onde narrativas e discursos são moldados e reproduzidos, capazes de delinear as percepções coletivas e individuais. Tais ambientes se caracterizam como espaços físicos e/ou dígito-virtuais em que a informação pode ser acessada, compartilhada e preservada, com o objetivo de promover o conhecimento, a compreensão e a valorização da história e da cultura de determinada sociedade (Chagas, 2006; Teixeira, 2022).

No contexto das dissidências sexuais e de gênero, os respectivos ambientes adquirem magnitude nas esferas social, política e histórica como arrimos para a superação de preconceitos e a construção de novas representações: verdadeiras potências em que vozes, outrora marginalizadas, ecoam e desafiam a hegemonia cisheteronormativa, ao constituir espaços de resistência e reivindicar seu lugar na tessitura da história.

Como instrumentos de informação, preservação e memória da trajetória de existências dissidentes, esses ambientes desafiam narrativas hegemônicas e criam um tecido social mais inclusivo e equitativo. A preservação e o acesso à informação, memória e cultura das dissidências sexuais e de gênero se caracterizam não apenas como ações de reparação

histórica, mas, também, como instrumentos para a transformação social e a construção de narrativas alternativas. (Gimenez, 2015; Boita, 2018; Lopes Junior; Oliveira, 2022).

Assim, o presente trabalho buscou responder duas questões centrais: qual o papel da Ciência da Informação (CI) na preservação e no compartilhamento da informação, da cultura e da memória das dissidências sexuais e de gênero? E como os ambientes de informação contribuem para o fortalecimento dessas temáticas e para a construção de uma sociedade mais igualitária?

Como objetivo geral, buscou-se explorar e sistematizar os ambientes dedicados ao acesso, ao compartilhamento e à preservação da informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero. Os objetivos específicos foram: a) discutir a responsabilidade da CI no contexto do acesso e da preservação da informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero; b) realizar um mapeamento, em âmbito nacional, dos ambientes que se dedicam ao acesso, ao compartilhamento e à preservação de conteúdos dessa temática; c) refletir sobre a relevância de tais ambientes na construção e no fortalecimento da cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero, bem como sua relevância enquanto elemento central para superação de fobias e construção de uma sociedade mais igualitária.

As investigações que se dedicam em explorar e valorizar os ambientes de informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero, além de contribuírem para que a temática se fortaleça no meio científico, também fornecem uma base teórica sólida para futuras pesquisas e iniciativas que planeiam expandir tais ambientes.

A metodologia adotada no presente estudo é qualitativa e de abordagem teórica e exploratória - descritiva. Conforme Gil (2002), os processos de pesquisa qualitativa são delineados como uma sequência de atividades que compreendem a redução dos dados, a sua categorização e interpretação, e a redação do relatório. Quanto à tipologia de pesquisa, destaca-se o caráter exploratório e descritivo. Gil (2008) define que pesquisas exploratórias têm como principal objetivo “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias”, visando a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses passíveis de investigação em estudos subsequentes.

Primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de *Informação, cultura, memória e a Ciência da Informação*, com especial atenção aos trabalhos que discutem a preservação, o acesso e o compartilhamento. Ainda na etapa bibliográfica,

foram resgatados os conceitos de *Dissidências sexuais e de gênero e as instituições de informação, cultura e memória*. O levantamento incluiu livros, artigos acadêmicos, teses e dissertações, bem como fontes digitais, a fim de construir uma base teórica sólida e atualizada.

A partir do referencial teórico, realizou-se a sistematização dos ambientes que correspondem ao universo da pesquisa. Os critérios de seleção adotados foram: caráter temático relacionado às dissidências sexuais e de gênero; ambiente digital ativo e com informações suficientes para realização da coleta de dados.

Para a análise dos ambientes, foram definidas cinco categorias: *Centros de Documentação e Arquivos; Museus e Exposições; Organizações de Pesquisa e Defesa de Direitos; Mídia e Comunicação / portais e sites informativos; e Projetos educativos, iniciativas e recursos online*. Os dados foram coletados nas abas “sobre” e “nossa história”. Assim, foram mapeados os ambientes que se dedicam ao acesso e compartilhamento da informação, da cultura e da memória das dissidências sexuais e de gênero em âmbito nacional.

2 INFORMAÇÃO, CULTURA, MEMÓRIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As dinâmicas de produção, acesso e compartilhamento da informação interferem diretamente na materialização da cultura e instituição da memória. Os elementos que compõem tais dinâmicas sobressaem-se como extratos a serem investigados e compreendidos à medida que a informação, a cultura e a memória manifestam-se enquanto fenômenos inter-relacionados que se moldam mutuamente.

A informação se apresenta como manifestação social no campo da Ciência da Informação (CI) - conceituada no terceiro paradigma (Capurro, 2003) - com foco no sujeito informacional. Tal perspectiva parte da premissa cuja informação não é construída isoladamente, mas a partir de uma perspectiva coletiva e complexa, em que é informativa para determinado grupo e em determinado contexto.

De acordo com Teixeira (2022, p. 17), trata-se de compreender a informação “[...] como algo historicamente construído, na qual a existência dos artefactos aparece condicionada aos mecanismos de transmissão dos significados, símbolos e signos”. No paradigma social, aspectos contextuais e não lineares de acesso e compartilhamento a partir da perspectiva do interagente, tomam forma. Para Capurro Hjørland:

As concepções sobre informação dentro da filosofia da ciência e da filosofia analítica, particularmente desde o final dos anos 70, estão relacionadas a ciências específicas, particularmente a física, a biologia e a linguística. Como resultado deste desenvolvimento, a tendência tem sido de re-humanizar o conceito de informação, isto é, colocá-lo no contexto cultural (Capurro; Hjørland, 2007, p. 162).

A partir da compreensão desse novo paradigma, o sujeito cognoscente passa a ser evocado nos processos informacionais e, a informação, compreendida como parte do contexto sociocultural. Ao passo que a informação deve ser contextualizada culturalmente, se reconhece que a forma como as pessoas produzem, acessam e interpretam a informação está profundamente enraizada em seus contextos culturais específicos. Em uma perspectiva antropológica, Laraia (2002) esclarece a cultura como um processo complexo, por meio das relações e interações humanas, mediante a compreensão dos símbolos que possibilitam a comunicação dos sujeitos. Assim, a cultura não se apresenta apenas como um pano de fundo, mas ativamente nos processos infocomunicacionais. Para Geertz (2008), a perscrutação da cultura não parte de uma ciência exata, mas, sim, de um entendimento interpretativo em busca significados.

Desse modo, a cultura, como manifestação resultante das práticas sociais, não pode ser dissociada dos processos infocomunicacionais: “No que concerne aos padrões culturais, isto é, os sistemas ou complexos de símbolos, o traço genérico de primordial importância para nós, aqui, é que eles representam fontes extrínsecas de informações” (Geertz, 2008, p. 68). Tal ótica demonstra que os fenômenos informacionais presentes nos sistemas de símbolos representacionais se constroem mediante a interação dos sujeitos em meio social. Para Marteleto (1995, p. 2): “Cultura e informação são assim conceitos/fenômenos interligados pela sua própria natureza”.

Se pode compreender que o encadeamento entre a informação e a cultura se anuncia de forma simbiótica e multifacetada. A informação atua como substrato para a comunicação e o compartilhamento do conhecimento construído em determinada cultura, moldando as práticas sociais. A cultura, em contrapartida, molda e é moldada pela informação. De acordo com Marteleto (1995, p. 3-4):

O objeto informação, enquanto forma instituída de memória, gestão, distribuição e recepção dos artefatos culturais, é aqui o elemento de ligação entre as dimensões conjuntista-identitária e imaginária, que regem o funcionamento da “instituição total da sociedade” e da própria dinâmica cultural.

Observa-se que a informação atua como base para que a cultura seja compartilhada. Nesse contexto, para Teixeira (2022, p. 28), “A proteção dos bens culturais encontra-se diretamente embasada pela informação, gerada, armazenada e difundida pelo grupo no sentido de proporcionar a consolidação desse conhecimento e garantir a continuidade da prática cultural”.

Por sua vez, a memória, como forma de conservação e recuperação da informação, viabiliza a continuidade e perpetuação intergeracional da cultura, ao preservar o patrimônio cultural. No escopo da memória, Chauí (2000, p. 159) afirmou que, além da dimensão pessoal e introspectiva, “[...] é preciso mencionar sua dimensão coletiva ou social, isto é, a memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da História de uma sociedade”.

Destaca-se que a memória “[...] faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Le Goff, 2003, p. 469). Os aspectos que circundam a memória e suas relações com a informação e a cultura ainda permanecem como questões centrais para o entendimento das dinâmicas de construção e reconstrução de narrativas sociohistóricas. A importância da memória pode ser visualizada como elemento chave na coesão dos grupos sociais. Assim, a memória individual manifesta-se como forma de expressão das vivências entre o sujeito e grupo social que está inserido:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 26)

Nesse contexto, a memória individual é sujeita a memória coletiva. Nossas recordações, por sua essência, são compartilhadas, e nos são trazidas à tona por intermédio de outrem, mesmo quando se referem a eventos nos quais apenas nós fomos protagonistas, ou a objetos que somente nós contemplamos. Isso ocorre porque, na verdade, não estamos sós. Para Pollak (1992) a memória perpassa as relações entre a identidade individual e coletiva como “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. A luta pelo poder, pela sobrevivência

e pela lembrança está, profundamente, interligada com a maneira como a informação é gerada, compartilhada e preservada.

Nesse escopo, sobressaem-se os equipamentos responsáveis pela preservação, acesso e compartilhamento da informação, da cultura e da memória. De acordo com Dempsey (2000): “Os arquivos, as bibliotecas e os museus são instituições de memória: organizam o registo cultural e intelectual”. Tais espaços, compreendidos aqui como interconectados, além de preservar e dar acesso à informação, cultura e memória, também direcionam a tessitura da história e são capazes de moldar as interpretações sobre o passado, o presente e o futuro.

Desse modo, esses ambientes, como instrumentos que regulamentam os processos de significação, contribuem para o fomento e a ratificação da identidade cultural do determinado grupo social em que se inscreve. A memória, como forma de fixação dos símbolos que constituem a cultura, registrada e preservada, viabiliza a tessitura histórica da sociedade. Para Viana, Lima e Oliveira (2022, p. 128) “A memória, com ideia de coletivo e de conhecimento, funciona como uma força que, com suas próprias leis, recupera as informações.”.

A tríade - informação, cultura e memória - ancora a identidade individual e coletiva - elementos que culminam na conjuntura identitária de determinado grupo social e norteia o comportamento da sociedade. Para Dodebei (2010, p. 60): “Quer se articule ao plano da oralidade ou ao da escrita, a transmissão da informação sempre esteve atrelada às condições de memória da humanidade.” É necessária a compreensão crítica das dinâmicas que sustentam o campo de batalha simbólica em que a identidade cultural se inscreve, a fim de promover uma memória coletiva mais justa.

Nota-se que são profícuos os estudos que buscam refletir a complexidade das dinâmicas e os elementos que circundam a construção e instituição da memória e da cultura. Para Araújo (2018, p. 75): “Memória é um tema ou conceito que sempre esteve presente, de alguma forma, no campo da Ciência da Informação. Nas últimas duas décadas, contudo, tem tido maior destaque, passando a designar áreas de investigação”. A memória, enquanto conceito e tema, tem ganhado destaque na CI; a investigação dos fenômenos informacionais relacionados à memória perpassa os processos de tratamento, acesso e compartilhamento da informação e contribuem para o entendimento das dinâmicas informacionais e culturais da sociedade.

3 DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO E AS INSTITUIÇÕES DE INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA: EXISTÊNCIAS NÃO LEMBRADAS

Os debates pertencentes ao acesso à informação, cultura e memória de sujeitos historicamente marginalizados, como os temas relacionados às dissidências sexuais e de gênero, expõem problemáticas históricas que atravessam a produção e a viabilização do acesso, compartilhamento e preservação da informação, dos quais têm sido, tradicionalmente, regulamentados pelos interesses da camada social dominante.

A perspectiva da dissidência sexual e de gênero, expressão adotada neste trabalho, tem como objetivo romper com a lógica identitária presente nos acrônimos utilizados para representar os sujeitos de sexualidades e gêneros não normativos. Desse modo, ao nos referirmos às dissidências sexuais e de gênero, tratamos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT+) e outras formas de expressão de sexualidades e de gêneros dissidentes da norma binária cisgenera / heterossexual.

Por outro lado, a utilização dessa expressão surge também como crítica ao conceito de Diversidade Sexual, com caráter normalizado e próximo à ideia de “tolerância” (San Martin *apud* Colling, 2015, p. 151). Tal abordagem, de acordo com Colling (2018), nos desvincula da lógica inócua do multiculturalismo. Além disso, não se limita a uma simples repetição do discurso *queer* norte-americano ou metropolitano hegemônico.

Assim, as produções científicas, artísticas e culturais que versam aspectos relacionados às dissidências sexuais e de gênero correspondem a manifestações com intuito de inserir tais re(existências) na história da sociedade. No âmbito da construção do conhecimento, Colling (2016, p. 10) assinala que é necessário:

[...] compreender que a produção científica também é política, de entender que o ativismo também produz conhecimentos e de que toda essa produção precisa estar à serviço de políticas para que as pessoas respeitem, reconheçam e aprendam com as múltiplas sexualidades e gêneros existentes em nossas sociedades.

Ressalta-se que os ambientes de informação, cultura e memória são importantes ferramentas sociais com potencial transformador. As ações desenvolvidas no âmbito dos acervos se destacam por fomentar diálogos entre o passado, o presente e as perspectivas futuras, ao evocar memórias e provocar conexões. Contudo, a construção da memória perpassa aspectos históricos, políticos e culturais regulamentadores e pautados em relações

de poder (Foucault, 1977; Chagas, 2006; Brulon, 2019). As práticas voltadas para o acesso e a preservação da memória e cultura de grupos historicamente subalternizados ainda configuram uma lacuna a ser superada. De acordo com Boita (2020, p. 107), é necessário:

[...] destacar que as práticas museológicas e patrimoniais/patriarcais foram produzidas em contextos fóbicos, nos quais alguns grupos foram silenciados e exilados. De fato, esse olhar cultural contaminado de fobias da diversidade inviabiliza diversos grupos, entre eles a população LGBT.

Para Pinto (2012, p. 52), “O engajamento social dos museus com o público LGBT-Q é importante e os arqueólogos e curadores vêm, aos poucos, promovendo narrativas, e estendendo debates sobre os problemas sociais e a diversidade sexual”. Verifica-se a existência de iniciativas voltadas para a preservação e o acesso da informação, cultura e memória dos dissidentes sexuais e de gênero. Em um estudo realizado por Boita (2018), foram relacionados, em escala global, cerca de 90 espaços, denominados pelo autor como “*Museus e Indicadores de Memória e História de Sexualidades Desobedientes*”. Dentre os equipamentos listados, como museus, arquivos e centros culturais, há uma visível carência no âmbito do compartilhamento de seus acervos em ambientes dígito-virtuais.

A partir da concepção social da informação, Paula e Silva (2019, p. 7) destacaram que “[...] nota-se a importância do diálogo, relacionando o homem com o patrimônio cultural, para que o espaço museal seja identificado como agente de transformação social”. Para Wagensberg (2005, p. 320), os acervos, compreendidos como espaços de identificação pessoal e coletiva, devem provocar diálogos com o público interagente: “Um museu no sentido total que expus aqui é, acredito, uma exigência democrática e um bom centro excelente para desenvolver a identificação coletiva”. Nesse contexto, emerge, também, a necessidade de identificar as demandas socioculturais: “[...] precisamos conhecer a fundo nossos públicos, para que possamos saber, em particular, quem está faltando, qual setor social está ficando de fora” (Wagensberg, 2005, p. 320).

Para Foucault (1979, p. 14-15), “[...] em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos”. Nota-se que as relações de poder não são apenas executadas por dominação direta, mas, também, de controle sutil, através de práticas cotidianas e instituições que moldam o comportamento e a identidade dos

indivíduos. Tais fenômenos podem ser vistos como práticas culturais, políticas ou sociais que reforçam o poder de uma camada social sobre outra.

Segundo Teixeira (2022, p. 25), “[...] por se tratar de uma construção social, a memória, como tal, está sujeita às vicissitudes associadas ao convívio em sociedade, em especial aquelas relacionadas ao poder e às decisões sobre o que lembrar e o que esquecer”. Assim, a memória, sendo um constructo social, se firma às dinâmicas de poder que regulamentam o que deve ser lembrado e como deve ser lembrado, na tessitura da história. De acordo e Pinto (2012, p. 45), “O museu pode afetar de maneira direta ou indireta a interpretação do passado, produzindo distorções advindas da seleção e classificação dos artefatos, em um movimento de criação de narrativa histórica”.

Conforme apontado por Brulon (2019, p. 20) no contexto dos acervos patrimoniais, “[...] ao longo de sua existência moderna, serviram de palco para encenar os cânones de identidades masculinas centradas na matriz cultural europeia e, logo, imperial”. Nesse escopo, as instituições de informação, cultura e memória podem ser percebidas, também, como instrumentos de afirmação de uma memória seletiva ditada pela classe dominante.

Por outro lado, na contemporaneidade, iniciativas emergem com ações de criação e produção, a fim de fomentar as narrativas das dissidências sexuais e de gênero por meio do uso intenso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e das redes sociais; o estímulo à produções que transcendem a normatização das instituições, como os museus, dentre outras características (Colling, 2018). Tais iniciativas surgem em contrapartida à marginalização e invisibilização histórica enfrentada por sujeitos que não correspondem a cisheteronormatividade.

4 AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA DAS DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO NO BRASIL

O levantamento dos ambientes de informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero revela um cenário diversificado e dinâmico no Brasil. Majoritariamente formados por iniciativas comunitárias, esses espaços são fundamentais para a preservação e visibilidade da informação, da cultura e da memória das dissidências sexuais e de gênero.

Os ambientes identificados, além de atuarem como fontes de informação, desempenham um importante papel no fomento de narrativas marginalizadas ou

negligenciadas pela história oficial. Mediante a coleta de dados, observou-se que as iniciativas não se limitam a simples depósitos de memória, mas também atuam como catalisadores de ações culturais, educativas e políticas. Por meio de exposições, publicações, programas educacionais, projetos de arte, cultura e eventos comunitários, além de preservar documentos e artefatos históricos relacionados aos sujeitos dissidentes, também os ascendem por meio de estratégias curatoriais, tornando-os recursos vivos - instrumentos de transformação social. A fim de viabilizar uma compreensão ampla dos ambientes, foram elencadas cinco categorias principais que refletem suas diferentes abordagens e funções (Quadro 1):

Quadro 1 – categorias de análise.

Centros de Documentação e Arquivos	Museus e Exposições	Organizações de Pesquisa e Defesa de Direitos	Mídia e Comunicação / portais e sites informativos	Projetos educativos, iniciativas e recursos online
Instituições que se dedicam à coleta, preservação e disponibilização de documentos históricos e contemporâneos relacionados às dissidências de gênero e sexualidade. Servem como repositórios de informações valiosas para pesquisadores, ativistas e público em geral.	Museus e exposições dedicados à preservação e apresentação da história, cultura e arte. Para tanto, fomentam exposições, eventos e atividades educativas para envolver o público e incentivam a inclusão e o respeito à diversidade.	Ambientes voltados para à pesquisa, defesa de direitos humanos e promoção da cidadania para os sujeitos dissidentes. Nesse escopo, destaca-se o monitoramento de políticas públicas, pesquisas acadêmicas, levantamento de dados e índices.	Plataformas de mídia e comunicação que focam na produção e no compartilhamento de conteúdos relacionados às dissidências sexuais e de gênero, por meio de notícias, revistas, blogs e outras formas de compartilhamento de informações sobre a temática.	Ambientes que constroem e compartilham materiais educativos, artísticos e culturais, bem como de conscientização política, saúde, pesquisas relacionadas às vivências ou à memória dos sujeitos dissidentes

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Embora os limites de atuação dos ambientes sejam amplos e não se restrinjam às categorias elencadas, identificar as suas principais frentes de atuação e enquadrá-los nas respectivas categorias possibilitou uma visão distintiva das iniciativas. A figura 1 ilustra a categorização dos ambientes informação, cultura e memórias das dissidências sexuais e de gênero:

Figura 1 – ambientes informação, cultura e memórias das dissidências sexuais e de gênero e suas principais frentes de atuação.



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Verifica-se que o panorama de ações relacionadas à informação, cultura e memória das dissidências sexuais e de gênero no Brasil é multifacetado e rico em iniciativas. Os trinta e três ambientes identificados representam uma variedade de organizações e projetos que transcorrem acervos digitais, museus físicos, galerias de exposições, curadoria de conteúdo, entre outros, resultando em ações essenciais para a documentação, a preservação, o acesso e o compartilhamento da informação, memórias e cultura das dissidências sexuais e de gênero no país.

Nota-se que o Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), mantido pelo Grupo Dignidade desde 2007, se destaca como um dos principais repositórios brasileiros, com uma ampla gama de suportes, incluindo livros, periódicos, produções acadêmicas e documentos variados relacionados à história do movimento LGBTQ+. O Acervo Bajubá, por sua vez, se distingue por seu caráter comunitário e sua ênfase nas produções das dissidências sexuais e de gênero, além de contribuir com a conservação, fomenta exposições e projetos educativos que valorizam as narrativas pessoais e coletivas dos sujeitos dissidentes.

Outro destaque é o Museu da Diversidade Sexual de São Paulo, que além de um espaço físico dedicado à arte e cultura, atua como um centro de pesquisa e educação, promovendo a reflexão crítica e a inclusão social através de suas exposições e programas. O Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) denotam o empenho das redes de militância e a pesquisa, ao oferecerem suporte político e social às populações transmasculinas, travestis e transexuais, respectivamente.

Além das iniciativas mencionadas, projetos como o Tropicuir e o MUTHA (Museu Transgênero de História e Arte) sobressaem-se por suas abordagens inovadoras voltadas para o acesso e compartilhamento de histórias dissidentes, por meio de práticas para amplificar vozes historicamente marginalizadas. A diversidade dessas iniciativas reflete não apenas a riqueza cultural das dissidências sexuais e de gênero no Brasil, mas também a urgência de espaços que oportunizem o florescimento de ações semelhantes.

Não obstante, o Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQI+ no Brasil e o Somos – Comunicação, Saúde e Sexualidade oferecem um olhar crítico sobre as violências e os desafios enfrentados por sujeitos dissidentes, ao passo que promovem a defesa de direitos humanos e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A interseção dos ambientes físicos e virtuais, não apenas resguarda o passado e o presente das dissidências sexuais e de gênero, como também oportuniza um terreno fértil para o florescimento de ações voltadas para a educação, a reflexão crítica e a mobilização política, bem como ratificam a vitalidade e a resistência das dissidências sexuais de gênero, frente aos desafios contemporâneos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes de informação, cultura e memória se destacam como lugares de poder, onde narrativas e discursos são produzidos, moldados e reproduzidos - não são apenas depósitos de documentos - mas espaços dinâmicos que promovem acesso, compartilhamento e preservação da informação. A importância de tais ambientes sobleva-se no contexto das dissidências sexuais e de gênero, ao oferecer possibilidades para a superação de fobias e construção de novas representações sociais. Ao desafiar a hegemonia cisheteronormativa, as produções dissidentes tornam-se instrumentos de resistência, permitindo que vozes, outrora marginalizadas, se manifestem e reivindiquem seu lugar na tessitura da história.

Ao favorecer o acesso e compartilhamento de produções artísticas, culturais e científicas, esses ambientes tornam-se instrumentos de reparação histórica com a promoção da história das existências dissidentes. A preservação da memória das dissidências sexuais e de gênero possibilita, também, repensar relações opressoras. Visualizou-se que, através das múltiplas ações - como exposições, publicações, programas educacionais, projetos comunitários, fomento de pesquisas, entre outras, esses ambientes não apenas preservam documentos históricos, mas também promovem a visibilidade das experiências e lutas das dissidências sexuais e de gênero.

A análise dos ambientes destacou a necessidade de uma compreensão crítica das dinâmicas de poder que influenciam a construção da memória coletiva. A cultura e a memória, como extratos sociais, estão sujeitas às contrariedades presentes nas relações de poder, as quais impactam, especialmente, sobre o que lembrar e o que esquecer. Os ambientes de informação, cultura e memória, em sua maioria frutos de articulações dos próprios sujeitos, defrontam-se às narrativas-hegemônicas e, em contraposição, contribuem para uma memória coletiva mais inclusiva.

Por fim, ressalta-se a necessidade de pesquisas contínuas para refletir sobre a complexidade das dinâmicas de poder que envolvem a informação, a cultura e a memória, bem como a emergência de iniciativas institucionais e não institucionais, físicas e digitais, que promovam conteúdos relacionados às dissidências sexuais e de gênero.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BOITA, Tony Willian. **Cartografia etnográfica de memórias desobedientes**. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9364>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- BOITA, Tony. LGBTfobia museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. **Ventilando acervos**, Florianópolis, v. esp., n. 1, p. 104-115, 2020.
- BRULON, Bruno. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 55, p. 1-28. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900550015>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 9 jun. 2024.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- CHAGAS, Souza Chagas de. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Revista sala preta**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 152-167. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- COLLING, Leandro. Caras que desfazem gêneros. In: COLLING, Leandro (org). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.
- DEMPSEY, Lorcan. Scientific, industrial, and cultural heritage, a shared approach: a research framewok for digital libraries, museums and archives. **Ariadne**, [London?], n. 22, 2000. Disponível em: <http://www.ariadne.ac.uk/issue/22/dempsey/>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- DODEBEI, Vera. Memória e informação: interações no campo da pesquisa. In: MURGUIA, Ismael Eduardo (org.). **Memória**: um lugar para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010. p. 59-78.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENEZ, Mariana Quadros. Movimento LGBT, a memória de um espaço - tempo – humano. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 346-367, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5632>. Acesso em: 6 jun. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES JUNIOR, Jorge Luis; OLIVEIRA, Nutyelly Cena de. Epígrafe para o não esquecimento: memórias LGBTs negras. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 165–181. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41268>. Acesso em: 10 jun. 2024.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PAULA, Josefa Xavier de; SILVA, Eva Cristina Leite da; BRÄSCHER, Marisa. A relação da ciência da informação com a informação museológica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123449>. Acesso em: 1 jun. 2024.

PINTO, Renato. Museus e diversidade sexual: reflexões sobre mostras LGBT e QUEER. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 5, n. 1[5], p. 44–55, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8635750>. Acesso em: 2 jun. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

TEIXEIRA, Clotildes Avellar. Informação, memória e patrimônio cultural: bases articuladas como apoio para reflexões sobre o tema. **Mescla**, Ouro Preto, v. 2, n. 1, p. 14-29, 2022.

Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/mescla/article/view/5577>. Acesso em: 2 jun. 2024.

VIANA, Anna Raquel de Lemos; LIMA, Izabel França de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Informação e memória como forma de resistência: análise a partir de coletivos feministas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 2, p. 121–144. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44437>. Acesso em: 3 jun. 2024.

WAGENSBERG, Jorge. The “total” museum, a tool for social change. **História, ciências, saúde**, Manguinhos, v. 12, p. 309-321, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SjXzhzwg3zFpBXrkHRfz87R/#>. Acesso em: 10 jun. 2024.